



20-J 2011 MANIFESTO



Há dois anos reuniram-se 40.000 pessoas em Talavera de la Reina com um único propósito: pedir que nos devolvam o nosso rio, o nosso Tejo. Fartos de aguentar ano após ano, de ver o rio Tejo sem caudal enquanto o transvase Tejo - Segura desvia a água limpa da cabeceira; fartos de ver que o rio que passa por Aranjuez, Toledo, Talavera de la Reina, Cedilho, Vila Velha de Ródão, Abrantes, é uma corrente nauseabunda de águas poluídas; fartos de assistir à apatia das Administrações, que olham para o outro lado, que desprezam tanto o rio como os cidadãos que vivem nas suas margens; fartos de sermos considerados cidadãos de segunda classe, de ver durante 30 anos como o nosso elemento natural e cultural mais precioso, o rio Tejo, tem sido desviado para o Mediterrâneo, porque ali é mais "rentável"; fartos, finalmente, de sermos espoliados... há dois anos unimo-nos em Talavera de la Reina e lançámos um grito de **JÁ BASTA!**, um **AQUI ESTAMOS!**

Nesta primavera de 2011, marcada no Mediterrâneo - o berço da civilização ocidental, a nossa, não nos esqueçamos disso - por cidadãos que tomaram ruas e praças, exigindo uma nova realidade, mais social, mais real, mais humana, estamos conscientes de que nos

antecipámos dois anos. Nós, como cidadãos, tomámos as ruas de Talavera de la Reina e deixámos os políticos na segunda linha, porque entendemos que a política é um instrumento dos cidadãos, e não vice-versa. Não estamos contra ninguém, apenas exigimos que nos devolvam o que é nosso, como qualquer cidadão se sente no direito de reclamar o que lhe foi roubado. Não aceitamos a lei do transvase Tejo – Segura, anterior à instauração da democracia em ambos os países, que condena a bacia do Tejo a um subdesenvolvimento social e económico, que apenas beneficia as grandes multinacionais hidroeléctricas e os interesses económicos e especulativos criados em Múrcia e Alicante à custa do próprio transvase Tejo - Segura. Não aceitamos um acordo como a Convenção de Albufeira, que estabelece que cheguem a Portugal apenas as "sobras" do Tejo vindas de Espanha, ou aquele que as hidroeléctricas decidem disponibilizar em cada momento. Não. O Tejo é algo muito maior, não um recurso, metros cúbicos, quilowatts. O Tejo é o elemento cultural da maior importância na nossa terra, e queremos que seja honrado e tratado como tal.

Sabemos que a nossa luta é muito difícil. Não se trata de nos opormos a um projecto que se irá realizar, mas sim de mudar uma filosofia de gestão de um rio, e isto em países onde a inércia dos factos consumados é lei torna-se ainda mais complicado. Mas aí reside a nossa força, em acreditarmos na nossa razão, no significado da nossa luta, na certeza de que uma injustiça, por muito apoio que tenha, é sempre um atentado contra a razão.

Não vamos continuar a permitir que o Tejo seja sobre explorado em Espanha e Portugal, o único rio que pode enfiar-se num canal ou num tubo rumo aonde mais interesse. A água do Tejo é dos cidadãos do

Tejo, não nos contentamos com as sobras dos transvases, ou com as águas residuais da Comunidade de Madrid. A Rede do Tejo tem as suas raízes e a sua força nos cidadãos, **que nunca nos esqueçamos disso**. Somos a união de cidadãos, de muitas vilas e cidades, de dois países, para alcançar um propósito: recuperar o que nos roubaram há 30 anos com os transvases, poluição e barragens hidroeléctricas: o rio Tejo.

Esperam-nos anos difíceis onde o trabalho e a luta vão ser fundamentais. Pedimos caudal, água limpa, leito livre, florestas nas margens; e não águas paradas, lama e esquecimento. Pedimos que se estabeleçam caudais tanto em Espanha como em Portugal, que se aumentem as reservas na cabeceira, em Entrepeñas e Buendia, que tornem possíveis esses caudais. Pedimos que o Tejo volte a ser o grande rio da Península Ibérica, o rio dos poetas, dos pescadores... Um rio, em última análise, dos cidadãos, e não dos interesses ilegítimos que o têm explorado e transformado num cadáver. Queremos resultados, factos. Exigimos às Administrações de Portugal e Espanha estes factos no papel, nas leis, que o Plano de Bacia traga uma mudança nas políticas de exploração do Tejo. O limite foi ultrapassado, e queremos uma mudança. **E queremos-la JÁ.**

Somos cidadãos que exigimos os nossos direitos. Apenas isso. Há dois anos saímos para a rua. E voltaremos a fazê-lo. Não esqueçamos a nossa força e o nosso compromisso. O rio Tejo é nosso, é parte de nós, da nossa história pessoal e colectiva. Continuaremos a lutar cada dia com mais convicção. E até que não comprovemos que os usos se submetem à própria sobrevivência do Tejo, não pararemos. Até podermos tomar banho nas suas águas, pescar, passear pela floresta

ribeirinha; até que volte a ser um rio apreciado pelos poetas, não desistiremos da nossa luta.

Que não nos esqueçamos nunca: somos cidadãos do Tejo, e o Tejo pede-nos que sejamos as suas mãos, seus pés, sua boca, o seu lamento.

Devemo-lo ao Tejo e não o abandonaremos!